

Organização Comunista na América Latina no pós II Guerra Mundial: Rastros do Comintern

Organización Comunista em América Latina después de la II Guerra Mundial: los ratros de la Comintern

The communist organization in Latin America after World War II: Traces of the Comintern

Dina Lida Kinoshita*

Resumo

Uma das consequências dos Acordos de Yalta (1943) foi a dissolução da Internacional Comunista (COMINTERN ou IC). Houve um esforço de Josif Stalin em demonstrar que a URSS não estava interessada em exportar a Revolução Bolchevique e que o objetivo era tão somente a derrota do nazi-fascismo. Mas pouco depois do final da II Guerra, em consonância com o aprofundamento da Guerra Fria entre os Aliados do Ocidente e a URSS, cria-se uma nova estrutura que mantém ao longo de muitos anos todos os organismos da IC através do COMINFORM, da Federação Sindical Mundial, do Conselho Mundial da Paz, da Revista Internacional, da Federação Internacional de Mulheres Democráticas, da Federação Internacional da Juventude Democrática e outros organismos de menor importância.

Palavras-chave: Guerra fria - Trabalhismo - Movimento pela Paz - Juventude Democrática

* Brasileira. Professora Doutora da USP desde 1971, membro do Conselho da Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humano, Democracia e Tolerância, junto ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo; membro do Conselho de Redação da Revista "Política Democrática". Foi diretora e posteriormente presidente do Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos (CBELA) nos anos 90. É autora de dezenas de artigos publicados em livros e revistas acadêmicos bem como em jornais. Também tem proferido palestras em escolas, sindicatos e outras organizações sociais como trabalho de Extensão de Serviços à Comunidade da Universidade. - Correspondência A/C Sandra Sadini (Secretaria). Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância. Instituto de Estudos Avançados – USP. Av. Prof. Luciano Gualberto, travessa J n 374 sala 15 E-mail: dinalida@terra.com.br

Resumen

Una de las consecuencias de los Acuerdos de Yalta (1943), fue la disolución de la Internacional Comunista (Comintern o IC). Esto fue un esfuerzo por demostrar que la URSS no estaba interesada en la exportación de la revolución bolchevique y que el objetivo era sólo la derrota del fascismo nazi. Sin embargo, después de finalizado el conflicto, y en consonancia con la profundización de la guerra fría entre los aliados occidentales y la URSS, se crea una nueva estructura que sostuvo por muchos años a todos los organismos del comunismo internacional: la Kominform, la Federación Sindical Mundial, el Consejo Mundial de la Paz, la Revista Internacional, la Federación Internacional de la Mujer, la Federación Internacional de la Juventud Democrática, y otros cuerpos menores

Palabras clave: Guerra Fría – Sindicalismo – Movimiento por la paz – Juventud democrática

Abstract

One consequence of the Yalta Accords (1943) was the dissolution of the Communist International (Comintern or IC). This was an effort to prove that the USSR was not interested in the export of the Bolshevik Revolution and the goal was only the defeat of Nazi fascism. However, after the conflict ended, and in line with the deepening of the Cold War between the Western Allies and the Soviet Union, establishing a new structure that held for many years to all agencies of international communism: the Cominform, the Federation Global Union, the World Peace Council, the International Journal, the International Federation of Women, the International Federation of Democratic Youth, and other minor bodies

Keywords: Cold War - Labor - Movement for Peace - Democratic Youth

O Cominform

Em setembro de 1947 é convocada por Stalin e organizada por Zhdanov uma reunião dos Partidos Comunistas europeus que ocorreu em Szklarska Poreba, na Polônia. Participaram da reunião o Partido Comunista Búlgaro, o Partido Comunista da Tchecoslováquia, o Partido Comunista da Iugoslávia, o PCUS, o Partido Operário Unificado da Polônia, o Partido dos Trabalhadores Húngaro, o Partido dos Trabalhadores Romeno e os dois grandes partidos comunistas da Europa Ocidental: o italiano e o francês. A motivação imediata foi dirimir divergências entre estes partidos quanto à participação ou não da Conferência “Plano Marshall” a realizar-se em Paris em junho de 1948. Mas no contexto da escalada da Guerra Fria foi decidido criar o COMINFORM (Communist Information Bureau) cujo propósito era coordenar ações entre os partidos comunistas sob orientação soviética. O

COMINFORM acabou agindo como ferramenta da política externa da URSS. Este organismo publicava um jornal, cujo título era *Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular*. Na medida em que o Partido Comunista da Iugoslávia buscava seu próprio caminho sem submissão à URSS, foi acusado de *titoísmo* e em 1948 foi expulso do COMINFORM. A sede, inicialmente em Belgrado, foi transferida para Bucareste. O COMINFORM foi dissolvido em 1956 devido às inúmeras divergências e dissidências ocorridas no Movimento Comunista Internacional (MCI) após o XX Congresso do PCUS, e à reaproximação do governo Khrushchev com a Iugoslávia. Embora os partidos membros do COMINFORM fossem os citados acima, todos os PC's tinham seus representantes. O do Partido Comunista do Brasil (PCB) foi o jornalista Osvaldo Peralva.

Em uma longa entrevista à Fundação “Perseu Abramo”, Jacó Gorender, ex dirigente do Partido Comunista Brasileiro, nome adotado pelo Partido Comunista do Brasil a partir de 1960 (PCB) recorda os cursos Stalin, promovidos sob orientação do COMINFORM: “Esses cursos se inseriram num esforço que não era só brasileiro, mas mundial, do movimento comunista. A intenção consistia em transmitir um cânone doutrinário uniformizado, que vinha de Moscou e do COMINFORM. Tratava-se de inculcar uma fórmula do que eu hoje chamaria marxismo bastardo na cabeça de centenas de milhares de militantes do mundo inteiro, os quais, com isso, passavam a pensar de maneira padronizada.” Cabe lembrar que os professores destes cursos nacionais realizavam cursos na URSS e funcionavam como multiplicadores nos respectivos países. A escola de formação de quadros soviética era inicialmente a Escola Leninista Internacional que depois passou a denominar-se Instituto de Ciências Sociais; esta estrutura de educação e formação de quadros perdurou por todo o período soviético, tendo sido encerrada em 1991 embora nos últimos anos, durante o período Gorbachev tenha mudado de caráter, adquirindo uma feição mais consultiva e uma temática de acordo com as novas realidades mundiais e não com os cânones ortodoxos. A política do COMINFORM para a América Latina continuava sendo a definida pelo IC da Revolução Nacional Democrática. A análise consistia em definir os países da América Latina como países essencialmente agrários de sistema semifeudal e burguesias muito débeis onde a realização da reforma agrária, a ampliação do mercado interno e a ruptura com o imperialismo eram as grandes questões. Para se ter uma idéia da camisa de força exercida, o PC uruguaio praticamente copia em 1955 a Resolução política do IV Congresso do PCB como se as realidades dos dois países fossem idênticas. A resolução brasileira foi elaborada em Moscou e Diógenes de Arruda Câmara, dirigente nacional na época se jactava de afirmar que a mesma foi aprovada pelo Comandante Supremo, Josif Stalin. Este quadro vai mudando após o XX Congresso e alguns PC's da região passam a estudar com mais seriedade as respectivas questões nacionais. Com a vitória da Revolução Cubana, a via armada para a revolução na América Latina, adormecida desde os anos 30, volta à tona em setores da esquerda do Continente. Os traços da IC podem ser notados no Departamento de América dirigido por Armando Pinheiro em Cuba. As diversas guerrilhas surgidas nos anos 60 no Continente, são treinadas e recebem apoio humano e material de Cuba, sendo organizados diversos congressos para manter um mínimo de uniformidade, onde se destaca a reunião da OLAS realizada em La Habana entre 31 de julho e 10 de agosto de 1967. Ironicamente, após a derrocada do “socialismo real”, os movimentos de esquerda que se desgarraram da tradição terceiro internacionalista soviética se aglutinam em torno do que

resta dos países dirigidos por partidos comunistas, e que ao longo de décadas tinham políticas distintas (China, Coréia do Norte, Cuba e Vietnã) para seguir os rastros de organização da IC.

Na América Latina, o Partido dos Trabalhadores - Brasil (constituído por setores remanescentes da luta armada, por trotskistas e a esquerda católica) convoca com o apoio do PC cubano os partidos de esquerda da AL para criar o Foro São Paulo. É um foro consultivo sem imposições aos diversos partidos mais, na prática, funciona de maneira semelhante ao COMINFORM e a partir de 2000, a Venezuela de Chávez assume um papel importante sediando congressos do Conselho Mundial da Paz e da Federação Mundial de Mulheres Democráticas, organizações que serão detalhadas a seguir.

Uma série de antigos organismos da IC que já vinham sendo ampliados a partir da política das Frentes Populares definida no VII Congresso da IC realizado em julho de 1935, foram redefinidos no pós II Guerra Mundial como organismos de massa e não mais partidários embora fossem fachadas para repercutir em todo o mundo a política externa soviética nas diversas esferas. Passaremos a discorrer a seguir a respeito dos que consideramos mais importantes.

A Federação Sindical Mundial

De acordo com a teoria marxista-leninista, à medida que o desenvolvimento das forças produtivas entra em choque com o modo de produção vigente abre-se um período de revolução social. De acordo com Marx, “De todas as classes que, na hora atual, se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes periclitam e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é o seu produto mais autêntico.” De modo que a organização do proletariado, classe que substituiria a burguesia no poder, torna-se a “menina dos olhos” do Movimento Comunista Internacional. Daí a grande importância da Federação Sindical Mundial, de certa maneira sucessora do PROFINTERN.

Criada logo após o fim da II Guerra Mundial, foi concebida à imagem da Organização das Nações Unidas para congregar todas as organizações sindicais numa única organização internacional. Em 1949 várias organizações sindicais do mundo ocidental abandonaram a FSM. O motivo imediato consiste na disputa com relação ao apoio ao Plano Marshall. Na verdade, a grande disputa ocorre em torno da cisão que ocorre devido à Guerra Fria. Em 1949 os social-democratas formam a Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres que por sua vez se funde, em 2006, à Confederação Mundial dos Trabalhadores, formando a maior central sindical, a Central Sindical Internacional. A FSM segue a estrutura de organização leninista, altamente hierarquizada e verticalizada, onde a

autoridade máxima da entidade é o Congresso Mundial de Sindicatos o qual se reúne a cada quatro anos. Por sua vez o Congresso elege o Conselho Geral que se reúne anualmente entre cada congresso. O Conselho Geral elege o Secretariado Geral composto pelo Secretário Geral e cinco secretários bem como o Bureau Executivo da FSM composto de 12 membros. Embora a FSM funcionasse como organismo de massa e muitos sindicalistas que compareciam aos congressos não pertencessem aos PC's, na prática toda a estrutura política e de organização era largamente hegemônica por quadros comunistas. A sede da FSM está desde o início em Praga, atualmente na República Checa. Os sindicatos da FSM se agrupam por ramos de produção nas Uniões Internacionais de Sindicatos, a saber: Energia, Metalurgia, Química e Combustíveis; Construção civil, materiais de construção e florestais; Trabalhadores do transporte; Agricultura, Alimentação, Comércio e Têxteis; Funcionários Públicos e, Professores. Os sindicatos da FSM também se agrupam regionalmente em: Confederação Internacional de Sindicatos Árabes; Organização de Unidade Sindical Africana e Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina e do Caribe, criada em 24 de janeiro de 1964 em Brasília como sucessora da Confederação de Trabalhadores da América Latina. Como a maioria dos países da AL passava por muitas crises institucionais e alguns tinham regimes ditatoriais com repressão a movimentos sociais durante longos períodos, o Uruguai, país detentor de maiores liberdades democráticas fornecia maior estrutura material e humana até a vitória da Revolução Cubana.

É emblemático que dois Congressos da FSM ocorram em La Habana - Cuba, em 1982 e 2005. Por outra parte, Enrique Pastorino do Uruguai, assume a secretaria-geral entre 1978 e 1980. Cabe mencionar a solidariedade aos sindicalistas perseguidos pelos regimes ditatoriais da AL que encontram guarida em Praga durante o período do “socialismo real”. Num Congresso realizado em Varsóvia em 1954 é aprovada a Carta dos Direitos Sindicais onde se destaca o direito dos trabalhadores se organizarem livremente em sindicatos sem interferência de patrões e governos; o livre funcionamento das organizações sindicais; a garantia do direito de greve e no plano internacional, “...organizar reuniões e conferências internacionais, assim como organizar a solidariedade e a ajuda mútua internacional”. Num contexto latino americano de poucas liberdades democráticas a luta por tais direitos assume fundamental importância. O acesso a arquivos sindicais no Brasil é muito precário na medida em que durante o período ditatorial houve intervenção em vários sindicatos, foram dissolvidas as Federações de Trabalhadores e a Central Geral dos Trabalhadores. De todo modo foi possível entrevistar alguns sindicalistas da época e encontrar documentos esparsos no arquivo de Roberto Morena, um dos maiores sindicalistas e deputado federal no Brasil. Em geral trata-se de relatórios elaborados sobre a situação de países latino-americanos, sobretudo do Brasil onde há análise de conjuntura e a situação dos trabalhadores submetidos a arrocho salarial, sindicalistas perseguidos, greves e lutas no campo. Por razões óbvias de segurança não aparecem nomes de companheiros participantes desta estrutura. Foram encontrados dois documentos assinados: um referente ao Brasil, assinado por Aloizio Palhano, que tenta chegar a uma Conferência Plenária do Comitê Sindical Mundial de Consulta e de Unidade de Ação Antimonopolista realizado em Leipzig, na então RDA, nos dias 27 e 28 de novembro de 1963. O que ressalta no relatório é a dificuldade do sindicalista chegar ao evento do qual participou apenas das

considerações finais sem poder relatar a situação brasileira; o segundo é do uruguaio Felix Diaz, sem data, que ocorre no período ditatorial uruguaio que se inicia com as seguintes palavras:

Compañeros, al comenzar nuestra intervención, lo hacemos en nombre de nuestros presos y torturados, de nuestros militantes que luchan en la clandestinidad para defender los intereses de los trabajadores frente al fascismo.” Em seguida reafirma “...no podemos ser neutrales entre la guerra y la paz, no podemos ser neutrales entre la vida y la muerte de la humanidad.”

E mais adiante, “Cuando decimos qué FSM queremos, no hacemos un juicio negativo sobre su pasado... Pero el desafío de los años 80 pone a todo el movimiento sindical ante nuevas realidades...” O IX Congresso da FSM realizou-se em Praga em abril de 1978 sob o lema da “Unidade e solidariedade dos trabalhadores e dos sindicatos frente às lutas atuais e por um mundo onde desabroche a paz e a independência dos povos, o bem estar, a liberdade, o progresso econômico e social”. Este Congresso foi realizado num ambiente de esperança graças à derrota dos EUA e reunificação do Vietnã, do fim do colonialismo português na África, a queda do que restava do fascismo na Europa (Espanha, Grécia e Portugal) e após longas negociações, a assinatura dos Acordos de Helsinque. A América Latina merece dois itens, o 15º e o 16º do preâmbulo da Declaração Final:

Na América Latina e no Caribe existem diferentes tipos de regimes sociais e políticos, como Cuba socialista que progride e se afirma em todos os domínios sendo um fator estimulante e de solidariedade e, por outro lado regimes fascistas como no Chile, Uruguai, etc passando por todas as nuances de orientação de países em processos relativamente prolongados de desenvolvimento capitalista ou de países recém libertados do jugo colonial. A contra ofensiva do imperialismo, face às lutas dos trabalhadores e dos povos destes países por uma independência nacional autêntica, soluções aos sérios problemas da dependência econômica, do atraso e dos efeitos da crise do mundo capitalista, se traduzem rapidamente numa política de conteúdo fascista e de repressão violenta contra o movimento sindical e popular. Portanto o impulso das lutas populares, a correlação de forças no mundo, cada vez mais favorável à paz e ao progresso, a contradição inter-imperialista minam o sistema de dominação dos EUA no continente, ampliam as bases sociais da luta anti-imperialista e facilitam as posições mais independentes daqueles governos, o que obriga o próprio governo norte americano a rever sua imagem quanto à política latino-americana. A evolução sindical nesta região é caracterizada pela intensificação das ações e os progressos registrados pela superação da divisão, por meio de organismos de unidade de ação nos diversos países, do desenvolvimento de relações entre organismos de diferentes filiações e de visar a melhoria das relações entre

as organizações continentais. Em particular com a CPUTAL, com quem a FSM mantém relações de cooperação proveitosas.

Apesar deste otimismo a FSM vai perdendo força ao longo de seis décadas. Do mesmo modo que no COMINFORM, os iugoslavos se retiram ainda nos anos 40. Após a denúncia dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS, a China se retira. A partir dos anos 60 as divergências afloram e se multiplicam quer devido ao Eurocomunismo nascente quer devido à posição cubana que tenta exportar sua revolução na América Latina e na África. No entanto a partir dos anos 80 a III Revolução Tecno Científica acarreta enormes mudanças no perfil do mundo do trabalho onde a própria teoria preconizada por Marx e Lênin quanto à classe operária deve sofrer grandes revisões. De toda maneira, estas forças ainda mantêm certa unidade até a derrocada do “socialismo real”, quando a FSM se debilita sobremaneira e muitos dos sindicatos anteriormente filiados a ela, se filiam à CIOSL (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres). A partir de 2006 cria-se uma nova central, a CSI (Confederação Sindical Internacional). Embora a FSM mantenha sua sede em Praga, o foco atual é a organização sindical no Terceiro Mundo, utilizando uma linguagem e métodos ultrapassados de luta contra o imperialismo e o neoliberalismo, sem atentar às grandes mudanças acarretadas pela revolução tecno-científica e pelas mudanças globais em todas as esferas da vida humana com destaque para as questões ambientais, ocorridas nos últimos vinte anos os quais constituem uma verdadeira crise de civilização. Na medida em que a análise de conjuntura se dá num paradigma anacrônico, as novas possibilidades extraordinárias que o novo contexto engendra passam quase despercebidas.

O Conselho Mundial da Paz

Com a Guerra na Europa já vencida pelos Aliados e o Japão, no Extremo Oriente exaurido, os EUA decidem lançar duas bombas atômicas, uma de urânio e outra de plutônio, em alvos civis japoneses: as cidades de Hiroshima e Nagasaki. O motivo alegado é apressar a rendição do Império do Sol Nascente com menores perdas humanas e materiais para os Aliados. O Presidente F. D. Roosevelt já havia falecido e H. Truman, um falcão havia assumido a Presidência dos EUA. Na verdade, o motivo principal foi exibir a nova arma para conter a URSS na área de influência definida nos Acordos de Yalta. Agosto de 1945 é o prenúncio da Guerra Fria que se estabelece com a criação da OTAN em 1949. Após os horrores da guerra na frente européia, a comoção causada pela tragédia de Hiroshima e Nagasaki mobilizou amplos setores da intelectualidade a favor do desarmamento e da paz. Em 6 de agosto de 1948, exatamente três anos após o lançamento da bomba de Hiroshima, se realizou em Wroclaw, na Polônia o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz do qual participou, entre outros, o filósofo e jornalista brasileiro Alberto Castiel. Neste Congresso se faz um apelo pela organização da luta pela paz em nível mundial. E poucos meses depois, em abril de 1949, realizou-se na Sala Pleyel, em Paris, o Congresso dos Partidários

da Paz, e decidiu-se criar o Conselho Mundial da Paz (CMP). Embora a lógica fosse a mesma da criação do COMINFORM e da FSM, o CMP adquiriu uma amplitude muito maior. Como recorda Ehrenburg em suas memoras, 1949 não é um ano qualquer. É o ano em que a Guerra Fria passa a fazer parte do cotidiano das pessoas. Foi neste ano que é criada a OTAN; ocorre a divisão da Alemanha com a criação de dois Estados; durante a realização do Congresso tomou-se conhecimento da libertação de Nanquim pelo exército popular chinês e foi ainda neste ano que nasceu a República Popular da China. Foi neste ano que a Holanda foi obrigada a reconhecer a independência da Indonésia. As lutas pela independência do Vietnã estavam em curso e os guerrilheiros gregos ainda lutavam, mas o desfecho desta guerra civil foi determinado pela Doutrina Truman.

Embora estivessem presentes neste primeiro Congresso do CMP notórios artistas, escritores e cientistas comunistas como Pablo Picasso, Anna Seghers, Ilya Ehrenburg, Paul Eluard, Louis Aragon, Joliot Curie e John Bernal, bem como os latino-americanos Pablo Neruda, Nicolas Guillén e Jorge Amado, ali também se encontravam sacerdotes, como Nicolai Krutitski e o abade Boulier, o ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas, a rainha Elizabeth da Bélgica, o escritor Heinrich Mann, os pintores Marc Chagall e Henry Matisse e o ator Charles Chaplin. No Congresso ouviu-se discursos de pessoas simples que vinham dar seu depoimento sobre os horrores presenciados durante a guerra e que não queriam vê-los repetidos. Frederic Joliot Curie, Prêmio Nobel de química, foi eleito primeiro Presidente do CMP. A sede do CMP foi inicialmente em Paris e com o acirramento da Guerra Fria o CMP foi expulso desta cidade e transferiu-se para Helsinki, Finlândia. Não obstante a estrutura do CMP ser da tradição hierarquizada leninista, os Congressos continuaram ao longo dos anos tendo esta estrutura mais aberta com delegações numerosas representando políticos, militares, cientistas, escritores, artistas, médicos, educadores, jornalistas, religiosos, mulheres e jovens. A primeira campanha organizada pelo CMP consistiu na coleta de assinaturas para o Apelo de Estocolmo que demandava a abolição das armas atômicas. Os Partidários da Paz coletaram milhões de assinaturas em todos os rincões do planeta apesar de perseguições e prisões em muitas regiões do mundo, em particular, na América Latina. Não obstante as condições difíceis, só no Brasil foram colhidas mais de 1 milhão de assinaturas.

Em todos os momentos durante cerca de 50 anos o CMP organizou campanhas globais em função dos diversos problemas que iam surgindo. No plano da escalada armamentista lutou contra esta escalada e pelo banimento dos testes nucleares, contra a produção das bombas de neutrons anunciadas pelo presidente Jimmy Carter, contra a política da OTAN de estacionar os mísseis Pershing e Cruise na Europa e outros locais do mundo. Promoveu também a iniciativa de Zonas Desnuclearizadas em várias partes do mundo. Em 1988 ocorreu uma Conferência em Berlim Leste pelas Zonas Desnuclearizadas à qual compareceram várias delegações latino-americanas. A delegação brasileira era composta pelo Deputado Modesto da Silveira e pelo eminente Prof. Ubiratan D'Ambrosio, professor titular da UNICAMP. No plano de conflitos localizados e outros problemas no Terceiro Mundo exerceu um papel importante durante a Guerra da Coréia realizando campanhas nos mais diversos países contra o envio de tropas. Cabe lembrar que Elisa Branco, uma tecelã brasileira desfraldou uma faixa no dia da Independência do Brasil, num desfile militar,

cujos dizeres eram: “Nossos filhos, os soldados não irão para a Coréia”. Por este feito ficou presa durante dois anos e foi laureada com o Prêmio Stalin da Paz, mais tarde transformado em Prêmio Lênin da Paz. Esse tipo de heroísmo fazia parte de uma cultura de abnegação total à causa da Revolução. Alberto Negri, membro da Juventude Comunista desfraldou no mesmo dia, outra faixa com os mesmos dizeres num outro ponto de concentração da juventude. Nesta época houve denúncias de que os EUA estariam utilizando a guerra bacteriológica na Coréia e Joliot Curie nomeou uma comissão de médicos especialistas para acompanhar as ocorrências naquele campo de batalha. Entre os cinco médicos nomeados, o único da América Latina foi o brasileiro Samuel Pessoa, professor catedrático de parasitologia da USP. Durante os anos 50 e 60 o CMP realizou grandes manifestações pela descolonização da África e da Ásia e nos anos 70 pelo fim da guerra e reunificação do Vietnã; nesse período teve, também, uma contribuição decisiva na detente mundial pela paz ao assinar a Ata Final dos Acordos de Helsinki. Outra frente consistia na luta contra o racismo e a xenofobia com destaque especial contra o apartheid da África do Sul. Cabe aqui assinalar as palavras do Sr. Romesh Chandra, secretário-geral do CMP perante o Comitê Especial sobre o Apartheid, em setembro de 1971:

Desde o seu surgimento, há vinte e dois anos, o CMP vem dando destaque especial entre os seus objetivos, à questão da erradicação da discriminação racial. O racismo e o apartheid têm sido condenados e têm sido tomadas iniciativas de ação popular para isolar o regime odiado de Pretória. O CMP se orgulha de contar desde sua fundação com os mais renomados líderes da África do Sul que combatem o apartheid.

Neste discurso Chandra cita Oliver Tambo, presidente do CNA e os poderosos movimentos de libertação da África do Sul, Namíbia, Zimbábue e das colônias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné Bissau, todos líderes do CMP. Ressalta que

1971 foi definido pela ONU como o Ano Internacional de Combate ao Racismo e a Discriminação Racial. Enquanto o CMP realizou várias atividades... para marcar o ano, ... na verdade é preciso destacar que determinadas potências e forças estão celebrando o Ano Internacional intensificando seu apoio ao regime de Apartheid da África do Sul

e denuncia a Grã Bretanha pelo fornecimento de armas ao governo de Pretória. Acrescento que o governo do apartheid apoiou as potências da OTAN em todas as ocasiões e houve uma tentativa de construir a OTAS no Atlântico Sul, junto com os regimes ditatoriais da Argentina e do Brasil. Apesar das boas intenções o CMP também foi excessivamente unilateral e repercutia apenas aqueles eventos que interessavam à política externa da URSS. Jamais reivindicou a liberdade e a democracia nos países do socialismo real. Nos anos 80, são reconstruídos os movimentos populares da AL que haviam sido perseguidos e

desestruturados durante a vigência das ditaduras militares a partir dos anos 60. Como tantos outros movimentos de massa, o movimento dos Partidários da Paz se reorganizam em torno dos Conselhos de Defesa da Paz num quadro de recrudescimento da Guerra Fria em nível mundial.

Durante o período da Perestroika e da Glasnost ocorreram dois congressos do CMP dentro de uma nova conjuntura mundial em que o “novo pensamento político” era muito enfatizado. Apesar deste pensamento possuir uma interseção com o marxismo-leninismo clássico, ele é mais amplo. Na era nuclear, é preciso reconhecer a existência de valores gerais que interessam a toda a humanidade e que estão acima dos interesses de classe ou nação. Nas condições atuais, é preciso solucionar primeiro os problemas globais de sobrevivência da humanidade (paz, desarmamento, meio ambiente, energia etc) e só depois a questão das revoluções. Dentro desta lógica, existe um limite objetivo para a confrontação de classe em nível internacional bem como para a solidariedade de classe. Como corolário, as formas de luta de classes devem ser mais sutis e sofisticadas, não podendo ultrapassar as fronteiras nacionais. É preciso salvar o mundo para transformá-lo, mas não é mais possível transformar o mundo para salvá-lo. Setores expressivos do MCI discordavam desta posição, sobretudo nos países em desenvolvimento liderados por Fidel Castro.

As clivagens já são nítidas na Assembléia Geral do Conselho Mundial da Paz (CMP) realizada em outubro de 1986 em Copenhague. Embora tal reunião tivesse ocorrido na semana anterior às primeiras conversações de paz entre Gorbachev e Reagan em Reykjavik, e houvesse o interesse de mostrar um movimento pacifista coeso e numeroso, as divergências já se haviam instalado. Quando o CMP voltou a reunir-se novamente em fevereiro de 1990 em Atenas, o ambiente era muito diferente. A URSS estava exaurida economicamente devido ao projeto americano de “Guerra nas Estrelas”, o Muro de Berlim já havia caído e o futuro do campo socialista era incerto. Não havia mais condições da URSS continuar financiando todo o movimento pacifista internacional. Ademais, a tarefa principal era o desarmamento nuclear e as propostas soviéticas fundamentais foram: a desideologização da luta pela paz e a reestruturação do CMP visando sua regionalização. A primeira estava diretamente relacionada com as premissas do “novo pensamento político” e a segunda com a descentralização e democratização de uma estrutura vertical altamente hierarquizada. As discussões foram muito tensas, por pouco não ocorreu uma cisão e o único momento de alegria e descontração deu-se quando foi noticiada a libertação de Nelson Mandela, após 27 anos de cárcere. O pano de fundo eram as divergências entre os que advogavam um socialismo democrático e renovado e os que preferiam manter o *status quo*, sem se dar conta do esgotamento do socialismo autoritário. Entre os delegados latino americanos, salvo raríssimas exceções, prevalecia a segunda posição, liderada por Cuba. Habitualmente se aprovava propostas no CMP por consenso e talvez, pela primeira vez houve votação. As propostas do hemisfério norte foram aprovadas por pequena margem explicitando a clivagem no campo da paz que surgia em todas as organizações de massa. Foram pouquíssimos os votos de delegados dos países pobres que votaram junto com Moscou. Menos de dois anos depois Yeltsin ocupa o poder na Rússia e a URSS desaparece. O edifício onde funcionava o CMP em Helsinki, de propriedade da missão comercial soviética é requisitado pelo governo russo. Em setembro deste mesmo ano ocorreu o I

Encontro Regional do CMP na América Latina, em Canela, Brasil. Os discursos sucediam-se de maneira monocórdia durante as várias sessões, com acusações aos EUA pela invasão de Granada e do Panamá e à URSS de Gorbachev por ser responsável pela derrocada do socialismo real. Quando um delegado mexicano fez um discurso na plenária final, defendendo “o novo pensamento político”, reinou um silêncio absoluto de reprovação. Os Conselhos de Defesa da Paz da França, do Japão, da Grécia, de Portugal e Cuba continuaram tentando manter o CMP e conseguiram realizar com o apoio do Movimento Mexicano pela Paz e o governo daquele país um Congresso bastante representativo. Afinal, apesar de uma política interna conservadora, o México tinha tradição de um país solidário e negociador da paz, tendo participado de vários fóruns com esta finalidade. Foi o primeiro Congresso realizado em terras americanas e foram aprofundadas questões específicas da América Latina. O Conselho de Defesa da Paz da França ficou com a secretaria geral e chegou-se a propor uma reestruturação total deste organismo tornando-o mais horizontalizado, com a utilização de novas tecnologias como a Internet. No entanto cubanos e gregos não estavam de acordo e o CMP debilitado acaba se esvaziando. A Federação Mundial das Mulheres Democráticas (FEDIM) sediada em Berlim Oriental e a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) sediada em Budapest, Hungria, foram criadas na mesma época que as demais, com estruturas orgânicas semelhantes às anteriores e com os mesmos objetivos, isto é, repercutir em nível mundial a política externa soviética entre as mulheres e os jovens.

Também na tradição leninista, todos estes organismos tinham sua imprensa. Mas ao longo do tempo também era publicada uma revista que englobava todas as questões políticas referentes às diferentes esferas. Nos anos 50 era publicada a revista Problemas, mais tarde a revista Problemas da Paz e do Socialismo e finalmente a Revista Internacional. A sede da revista também era em Praga. A revista publicava artigos de grandes lideranças partidárias e os assuntos podiam ter caráter teórico ou informativo sobre determinada região ou país, estratégias de luta relativas a grandes questões. Pelas mesmas razões anteriores, todos os organismos entram em coma. A partir de então Cuba toma as rédeas de todos eles e mais recentemente divide esta responsabilidade com a Venezuela de Chávez e pequenos grupos de esquerda conservadora latino-americana que não se dão conta que a experiência do “socialismo real” está esgotada, tentam reconstruí-la e muitas reuniões têm sido promovidas pela Venezuela onde ocorreram, nos últimos anos o Festival Mundial da Juventude, o Congresso da Federação Mundial das Mulheres Democráticas e o Congresso Mundial da Paz. Todo este aparato perdeu a visibilidade do passado e serve para dar alguma projeção internacional para pequenos grupos. Prevalece o esquema binário do bom e do mau, a lógica primária do “inimigo dos EUA é meu amigo” e outras máximas de um socialismo populista ultrapassado que não permite saídas para novas experiências mais complexas e mais ricas.

Recibido: 21 marzo 2010

Aceptado: 5 junio 2010

Bibliografia:

Gorender, J., “Memórias: Jacob Gorender, o PCB, a FEB e o marxismo”, Teoria&Debates, n. 11, Fundação “Perseu Abramo”, São Paulo, jul-set /1990.

Org. de Almeida, F. I., “O Último Secretário - A luta de Salomão Malina”, Fundação “Astrojildo Pereira”, Brasília, 2002.

Castañeda, J. G., “A Utopia Desarmada”, cap.3, Companhia das Letras, São Paulo, 1994

Ridenti, M. S., “O impacto da crise do socialismo no Partido Comunista do Brasil, 1988-1992”, Perspectivas, Revista de Ciências Sociais, UNESP, São Paulo, 17-18: p. 75-94, 1994/95

Documentos dos Diversos Foros São Paulo, arquivo da Secretaria Geral do Foro São Paulo, sede do Partido dos Trabalhadores em São Paulo e site do Foro na internet.

Marx, K., “Le Manifeste Communiste”, Oeuvres, Vol.1, Bibliothèque de la Pleiade, Ed. Gallimars, 1965.

Documento encontrado no arquivo de Roberto Morena, junto ao Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro (ASMOB), no Centro de Memória (CEDEM), da UNESP

“Carta dos Direitos Sindicais, 1954”, Arquivo Roberto Morena.

“Comando Geral dos Trabalhadores. Relatório do companheiro Aloizio Palhano P. Ferreira sobre a Conferência Plenária do Comitê Sindical Mundial de Consulta e de Unidade de Ação Antimonopolista” realizada em Leipzig nos dias 27 e 28 de 1963, Arquivo Roberto Morena. “Discurso de Felix Diaz en el Congreso de la FSM”, em espanhol, Arquivo Roberto Morena.

“Declaração Final do IX Congresso Sindical Mundial”, Praga, Tchecoslováquia, 16-23/abril 1978, em francês, Arquivo Roberto Morena.

Kinoshita, D. L., “Novas tecnologias e novos pactos de poder”, Comunicação&Política, CEBELA, Ano XIII, n. 22-25, São Paulo, 1993.

Holloway, D., “Stalin e a bomba”, cap.6, Ed. Record, Rio de Janeiro, 1997.

Ehrenburg, I., “Memórias”, Vol.VI, Cap. 16, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.

“Statement by Mr. Romesh Chandra, Secretary General of World Peace Council, before the special committee on apartheid, September 10, 1971”, United Nations, Unit on Apartheid, Notes and Documents, n. 43/71, oct 1971

Gorbachev, M., Perestroika – Novas idéias para o meu país e o mundo, Ed. Best Seller, Sro Paulo, 1988.

Entrevista realizada por Dina Lida Kinoshita e José Cláudio Barriguelli, em São Paulo, 2005.